

AMÓS OZ

Uma certa paz

Tradução do hebraico
Paulo Geiger



Copyright © 1982 by Amós Oz

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,
que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

Título original

Menuchá nechoná
A perfect peace

Capa

warrakloureiro

Foto de capa

© Patrice Hauser/ Getty Images/ Fachada de Khozneh ou do Tesouro, Jordânia

Preparação

Maria Cecília Caropreso

Revisão

Huendel Viana
Márcia Moura

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Oz, Amós

Uma certa paz / Amós Oz ; tradução do hebraico Paulo
Geiger. — São Paulo : Companhia das Letras, 2010.

Título original: Menuchá nechoná / A perfect peace.

ISBN 978-85-359-1746-8

1. Romance israelense (Hebraico) 1. Geiger, Paulo. II.
Título.

10-09247

CDD-892.43

Índice para catálogo sistemático:

1. Romance : Literatura israelense em hebraico 892.43

[2010]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORIA SCHWARCZ LTDA.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone (11) 3707-3500

Fax (11) 3707-3501

www.companhiadasletras.com.br

Nota sobre o título deste romance

Amós Oz deu a este livro o título hebraico *Menuchá nechoná*, termo que aparece na primeira frase do “El malé rachamim”, a prece judaica pela elevação da alma da pessoa falecida, que começa assim:

El malé rachamim shachem bamrorim hamtsê menuchá nechoná tachat kanfei haShechiná...

[Deus cheio de misericórdia, que reina nas alturas, provede um *descanso correto* sob as asas de Sua Glória...]

Em diversos trechos do romance, a palavra “correto” reaparece em outros contextos, não só o do merecido descanso da morte, mas no sentido também de “certo”, em todos os sentidos de “certo”.

Uma certa paz é uma “paz correta”, um “descanso correto”, mas também uma indefinida paz, que não será necessariamente, e tão só, a eterna paz, o eterno descanso evocado na prece.

P. G.

PRIMEIRA PARTE

INVERNO

1.

Um dia um homem se levanta e muda de um lugar para outro. O que ele deixa atrás de si fica para trás e só lhe vê as costas. No inverno de 1965, Ionatan Lifschitz resolveu abandonar sua mulher e o kibutz onde nascera e crescera. Decidiu sair e começar uma nova vida.

Em seus anos de infância, e em sua juventude, na época em que servia no Exército, sempre estivera cercado por um círculo próximo de homens e mulheres que não paravam de se intrometer em sua vida. Cada vez mais, sentia que esses homens e mulheres o cerceavam, e que bastava de concessões. Na sua linguagem peculiar, eles falavam frequentemente de um processo positivo ou de manifestações negativas, e ele quase deixara de entender o significado dessas palavras. Se estava sozinho à janela no fim do dia e via pássaros voando nas sombras do crepúsculo, aceitava tranquilamente em seu íntimo a ideia de que esses pássaros finalmente morreriam todos. Se o locutor do noticiário no rádio relatava o surgimento de sinais preocupantes, Ionatan sussurrava para si mesmo: *Que diferença isso faz?* E se saía sozinho à tarde para caminhar junto aos ciprestes queimados pelo sol em uma das extremidades do kibutz e um *chaver** cruzava com ele e perguntava o que estava fazendo lá, respondia

* Palavra-ônibus do hebraico: amigo, camarada, companheiro, colega, namorado, membro de grupo ou instituição. Plural: *chaverim*. (Nesta edição, todas as notas são do tradutor.)

sem vontade: Nada, só estou dando uma volta. E de novo perguntava a si mesmo, com assombro: O que você faz aqui? Um excelente rapaz, diziam dele no kibutz, só que muito fechado; uma dessas almas sensíveis, diziam.

Agora, aos vinte e seis anos, com seu jeito contido ou pensativo, desper-tara-lhe finalmente o desejo de estar só, sem os outros, de verificar o que mais existia; pois às vezes era assaltado pela sensação de que sua vida transcorria dentro de um quarto fechado, cheio de conversas e de fumaça, onde se desenrolava, sem parar, uma discussão cansativa e muito barulhenta sobre um tema esquisito. E ele não sabia o que era, nem queria se envolver, e sim se levantar e sair e ir para um lugar onde talvez o estivessem esperando, mas não para sempre, e se ele chegasse atrasado seria tarde demais. Que lugar era aquele, Ionatan Lifschitz não sabia, mas sentia que não podia mais demorar. Benia Trotsky, Ionatan nunca o vira na vida, nem em retrato. Benia Trotsky, que fugira do kibutz e do país em 1939, seis semanas antes do nascimento de Ionatan, era um jovem intelectual, um entusiasmado estudante da cidade de Kharkov que por opção própria se fizera operário de pedreira na Galileia Superior. Ele passara algum tempo em nosso kibutz e, contrariamente a seus princípios, se apaixonara por Chava, mãe de Ionatan; apaixonou-se à moda russa, com lágrimas e juramentos e confissões febris. Apaixonou-se por ela tarde demais, depois de ela já ter engravidado de Iulek, pai de Ionatan e de ter ido morar com ele em seu quarto no barracão mais afastado. Esse es-cândalo aconteceu no fim do inverno de 1939 e terminou da pior maneira possível: depois de muitas complicações, cartas, uma declaração de suicídio, gritos na noite atrás do palheiro, esclarecimentos, esforços das instâncias do kibutz para acalmar os ânimos, apazigar e encontrar uma solução lógica, após muita raiva e ressentimento e um discreto tratamento médico, chegou finalmente a vez de esse Trotsky fazer a guarda noturna no kibutz. Recebeu então a antiga pistola parabéum e ficou de guarda em seu posto a noite inteira, e somente ao alvorecer, atacado de uma só vez por um desespero total, foi emboscá-la junto ao barracão da lavanderia, de repente pulou de dentro dos arbustos, atirou de perto em sua amada grávida e saiu de lá correndo, e com um uivo pungente, um uivo de cão ferido, correu às cegas até o estábulo e dis-parou duas balas em Iulek, pai de Ionatan, que estava terminando a ordenha da noite, e atirou em nosso único touro, que se chamava Stakhanov. Por fim,

quando os espantados *chalutzim*, os pioneiros, ao ouvir os tiros começaram a acudir e a persegui-lo, o infeliz projetou-se atrás do monte de esterco e disparou a última bala, apontada para a própria testa.

Todos esses tiros erraram o alvo e não se derramou uma só gota de sangue. Mesmo assim, o apaixonado fugiu do kibutz e do país e, por fim, após complicados vaivéns, acabou se tornando uma espécie de rei da hotelaria em Miami, na costa leste da América. Uma vez enviou uma grande contribuição, do próprio bolso, para a construção de uma sala de música no kibutz e uma outra vez escreveu uma estranha carta em hebraico na qual ameaçava ser, ou pretendia ser, ou talvez se propunha voluntariamente a ser, o verdadeiro pai de Ionatan Lifschitz. No quarto de seus pais, numa estante de livros, escondida entre as folhas de um antigo romance em hebraico chamado *Har Hatsofim*, de Israel Zarchi, o jovem Ionatan encontrou uma folha de papel amarelada e nela um poema de amor bíblico que aparentemente fora escrito por Biniamin Trotsky. No poema, o apaixonado chamava-se El'azar de Marsha, e o nome de sua amada era Azuva bat Shilchi. Nome do poema: “Mas o coração deles não estava certo”. E ao pé da folha, a lápis, tinham sido acrescentadas algumas palavras numa caligrafia um pouco diferente, uma escrita redonda e tranquila, mas que Ionatan não pôde decifrar porque eram letras cirílicas. Todos aqueles anos seus pais haviam mantido total silêncio sobre o caso do amor e da fuga de Biniamin T., e só uma vez, durante uma briga séria, Iulek usou as palavras “*Tivui komediant*”*, e Chava respondeu num fervilhante sussurro: “*Ti zabuio. Ti mordertsu*”.*

Os veteranos do kibutz diziam às vezes: “Isso é fantástico. Uma distância de no máximo um metro e meio, que palhaço, nem no touro conseguiu acertar a uma distância de um metro e meio”.

Em seu pensamento, Ionatan buscava um lugar diferente, que lhe fosse adequado, uma nova possibilidade de trabalhar no que quisesse e de descansar sem estar cercado de gente.

Seu plano era viajar para tão longe quanto possível, para um lugar que não se parecesse com o kibutz, que não se parecesse com os acampamentos

* “Você é uma palhaça”, em polonês.

** “Você é um criminoso. Você é um assassino”, em polonês.

do movimento juvenil ou com as bases do Exército, ou com as pousadas das excursões ao deserto, que não se parecesse com as estações de carona nas en-cruzilhadas, castigadas pelo vento do deserto e onde sempre havia um odor de espinheiros, de suor e de poeira, e a acidez de urina seca. Era preciso chegar a um ambiente diferente em tudo, talvez a uma cidade grande de verdade, que lhe fosse estranha, que tivesse um rio com pontes, que tivesse torres, túneis, chafarizes esculpidos como monstros de pedra a esguichar, uns sobre os outros, jatos d'água, e essa água todas as noites iluminada das profundezas por luzes elétricas, e às vezes lá estaria uma mulher desconhecida e sozinha, o rosto voltado para a luz da água, de costas para a praça calçada com lajes de pedra lapidadas; um lugar entre os lugares distantes nos quais tudo é possível e tudo pode acontecer — uma súbita conquista, amor, perigos, estranhos encontros.

Em pensamento, via-se andando sorrateiro em seus passos macios, os passos de um jovem predador, pelos corredores atapetados de um prédio frio e alto, entre elevadores e porteiros, sob a vigilância de grandes e redondos olhos de luz no teto, misturado a um fluxo de pessoas estranhas a caminho de seus próprios negócios, cada um por si, e seu rosto, como os deles, marcado por energia e determinação.

Pensou então em viajar para além-mar, começar sozinho os estudos preparatórios e enquanto isso sustentar-se com qualquer trabalho que lhe aparcesse, como o de vigia noturno, ou operador do painel de controle de algum equipamento, ou talvez como agente de alguma firma particular, como vira num pequeno anúncio nos classificados de um jornal. Mesmo sem ter a menor ideia do que faz um agente de uma firma particular, seu instinto lhe dizia: Isso é para você, *chabibi*.* E se imagina operando instrumentos modernos, com painéis cheios de mostradores e luzes piscando, entre homens decididos e mulheres sofisticadas e ambiciosas. Morando sozinho — finalmente — num quarto alugado no andar alto de um prédio alto numa cidade estranha, na América ou no Ocidente Mediterrâneo dos filmes de cinema, e lá dedicará as noites a seus estudos preparatórios e depois ingressará na universidade, escolherá uma profissão e tomará o caminho que se abrirá a sua frente e começará o percurso em direção à meta onde o esperam e não o

* Vocabutivo, “meu amigo”, “meu camarada”.

esperarão para sempre, e se atrasar será tarde demais. Mais cinco ou seis anos se passarão, pensava Ionatan, e ele completará os estudos a qualquer preço. América ou não América, ele alcançará essa meta e então começará a ser um homem livre e a viver sua própria vida.

No final do outono, Ionatan tomou coragem e sinalizou suas intenções a seu pai, Iulek, que era o secretário-geral do kibutz.

Na verdade, foi Iulek e não Ionatan quem começou a conversa; certa vez, ao entardecer, ele arrastou Ionatan até um canto ao pé da escadaria de pedra, na ladeira que levava à fachada da casa de cultura, e tentou convencê-lo a aceitar a direção da oficina mecânica.

Iulek era um homem largo, não muito saudável, desenhado do ombro para baixo com linhas retas e rústicas como as de um sólido caixote, mas seu rosto era cinzento e empapuçado aqui e ali, com bolsas de pele esvaziadas, como se ele fosse um fornicador envelhecido, e não um socialista veterano e consciente.

Iulek formulou seu pedido em voz baixa, como se estivesse armando um complô. Ionatan, que era um rapaz alto e magro e um tanto disperso, também falou em voz baixa. Soprava sobre ambos um vento molhado. A luz vespertina era nevoenta: a luz entre uma chuva e outra. Os dois conversavam de pé junto a um banco encharcado de água e todo coberto de folhas de nogueira caídas e molhadas. Outras dessas folhas já haviam soterrado um aspersor quebrado e uma pilha de sacos tímidos. Ionatan olhava teimosamente para os montes de folhas caídas, pois não queria encarar o pai. Mas o banco, os sacos e o aspersor quebrado também lhe pareciam dirigir-se a ele com algum argumento obscuro, e ele de súbito se pôs a falar muito rápido e em voz baixa, num desses rompantes que costumam ter as pessoas tranquilas: Não, não, não há o que discutir, não vai aceitar a direção da oficina porque, em primeiro lugar, trabalha no pomar de cítricos, e agora se está no meio da colheita de toranjas, quer dizer, nos períodos entre chuvas, hoje é claro que não foi possível, mas quando estiar e secar um pouco voltaremos a colher. E, de qualquer maneira, oficina, que história é essa de oficina, que tenho eu a ver com oficina?

Isso é novidade, disse Iulek, agora ninguém quer trabalhar na oficina.

Mazal Tov. Há alguns anos havia brigas homéricas porque todo mundo só queria ser mecânico, e agora trabalhar com máquinas não é suficientemente bom para ninguém. Escotos. Hunos. Tártaros. Não estou me referindo a você em particular, mas em geral. Veja os jovens do partido Mapai. Veja a jovem literatura. Não importa. De você só peço que concorde em dirigir a oficina pelo menos até que encontremos uma solução definitiva. A você se deveria pedir um favor assim e pelo menos ter de volta argumentos, e não lamentos.

“Olhe”, disse Ionatan, “olhe, eu simplesmente sinto que esse trabalho não combina comigo. É só isso.”

“Não combina”, disse Iulek, “não sente, sente, não combina, combina, o que é isso, temos aqui um *ensemble* dramático, será que estamos procurando um ator que combine com o papel de Bóris Godunov? Faça-me um grande favor, quem sabe você me explica de uma vez por todas que história é essa de vocês, combina, não combina, autorrealização, mimos, agrados, caprichos. Que é isso, o trabalho na oficina é uma espécie de vestido ou de perfume? *Eau de Cologne*? O que quer dizer ‘não combina’ quando se está falando de um lugar de trabalho, hã?”

Naqueles dias de inverno tanto o pai quanto o filho sofriam de uma leve alergia: Iulek ficava rouco e ofegante, enquanto Ionatan tinha os olhos vermelhos e um pouco lacrimejantes.

“Olhe”, disse Ionatan, “estou lhe dizendo que isso não é para mim. Não adianta você se irritar comigo. Primeiro, não sou feito para esse trabalho na oficina. É isso mesmo. Segundo, tenho agora, de maneira geral, algumas dúvidas a respeito do meu futuro. E você fica aí discutindo comigo sobre os jovens do Mapai e tudo mais e nem percebe que está chovendo em cima de nós. Olhe aí. Viu, começou a chover.”

Iulek entendeu outra coisa. Ou talvez tenha entendido certo e achou melhor afrouxar. Disse:

“Sim. Está bem. Está certo. Você pensa alguns dias e depois me dá a resposta. Não lhe pedi que respondesse na hora. Oportunamente ainda vamos conversar sobre toda essa questão, quando você estiver de bom humor. Para que ficar aqui em pé discutindo a noite inteira, com a chuva caindo em nossa cabeça? Então até lá. Ouça, seria bom cortar um pouco o cabelo: você está fazendo tipo. Isso também é novidade.”

E num sábado, quando Amós, o irmão mais moço de Ionatan, chegou numa curta licença do Exército, Ionatan falou-lhe assim:

“Por que você fala tanto sobre o ano que vem? Você não pode saber agora onde vai estar no ano que vem. E eu também não.”

E a Rimona, sua mulher, ele disse:

“Você acha que eu preciso cortar o cabelo?”

Rimona olhou para ele. Embaçada, sorriu com ligeiro atraso, como se lhe tivessem feito uma pergunta delicada ou até um pouco perigosa. E disse:

“Você fica bem de cabelo comprido. Mas se o incomoda, é outra coisa.”

“Quem foi que falou?”, disse Ionatan. E calou-se.

Tinha pena de se despedir dos aromas, dos sons e das cores que o tinham acompanhado desde pequeno. Amava o cheiro que baixava lentamente sobre os gramados aparados, nos últimos dias de verão: junto aos oleandros, três cães vira-latas lutam furiosamente pelos restos de um sapato despedaçado. Um velho pioneiro com um boné na cabeça lê um jornal, de pé no meio do caminho em pleno crepúsculo, e seus lábios se movem como se rezasse. Por ele passa uma *chaverá* idosa — que não o cumprimenta nem com um aceno da cabeça por causa de uma briga antiga — levando um balde azul carregado de verduras, ovos e pão fresco. Ionatan, ela diz suavemente, olha as margaridas ali no canteiro na beira do gramado, tão brancas e imaculadas, como a neve que caía em nossa Lupatin no inverno. E da direção das casas das crianças ouve-se o som de flautas doces entre muitos gritos de pássaros, e mais longe, no oeste, além do pomar de cítricos e junto ao pôr do sol, passa um trem de carga e a locomotiva apita duas vezes. Ionatan lamentava por seus pais. E pelas vésperas de *shabat* e de festas judaicas, quando a maioria dos homens, mulheres e crianças se reuniam na casa de cultura, quase todos vestindo camisas de *shabat*, brancas e passadas, e cantavam canções antigas. Também lamentava pelo barracão de lata no meio do pomar, onde às vezes se escondia por vinte minutos roubados do trabalho para ler o jornal de esportes. E por Rimona. E pelo espetáculo do nascer do sol, como um banho de sangue num dia de verão às cinco da manhã entre as pedregosas colinas a leste e entre as ruínas de Sheikh-Dahar, a aldeia árabe abandonada. Por todos os passeios de sábado àquelas mesmas colinas e ruínas, ele com Rimona, ou ele com Rimona e Udi com Anat, e às vezes sozinho.